

## HEROIS SEM ROSTOS - A Saga do Imigrante para os EUA

Autor: Dirma Fontanezzi - [dirma28@hotmail.com](mailto:dirma28@hotmail.com)

### Trecho de A ODISSÉIA DE JUAN

Juan Martin 58 anos, da cidade de Cuzco Peru.

Tive que hipotecar minha casa, para conseguir o dinheiro da viagem. A hipoteca foi de dez mil dólares, somando-se aos dez por cento do valor da hipoteca, totalizou vinte mil dólares de dívidas. Tentei tirar o visto, mas foi negado. Tive de fazer contato com um rapaz que levava pessoas para atravessar a fronteira mexicana. Já com a passagem para o México em mãos, fiquei animado com a viagem. Saí de Lima para o México de avião.

Chegando na cidade do México, fui para um hotel e fiquei esperando o “contato” me pegar. Aguardei até o dia seguinte, mas não apareceu ninguém.

Nesse impasse, liguei para o contato principal no Peru, dizendo-lhe que eu já havia feito mais de oitenta por cento da viagem sozinho: do Peru até o México. Então ele me disse que faltavam mais vinte por cento da viagem, e pediu para eu comprar uma passagem para Hermosillo, uma cidade mexicana. Eu lhe disse que não.

Primeiramente eu queria conhecer a Virgem de Guadalupe. Fui para a praça Garibaldi e entrei na taberna Tenampa, para ouvir os marchinhas e tomar cerveja, pois não sabia se algum dia iria voltar ao México. Regressei ao hotel, e no dia seguinte fui ao aeroporto para comprar a passagem para Hermosillo.

Já com a passagem na mão, me comuniquéi com o meu contato no Peru. Ele me disse que em Hermosillo uma pessoa iria me apanhar no aeroporto, e me perguntou como eu estaria vestido. Disse também para eu passar rápido, para não ser revistado pela segurança do aeroporto. O contato não estava lá. Tomei um táxi até o ponto final de ônibus e mais uma vez a pessoa que iria me apanhar não apareceu. Busquei um telefone público para chamar o meu contato, ele disse-me que eu já havia feito noventa e cinco por cento da viagem, e só faltavam cinco por cento. Disse que a pessoa não pôde ir pois teve um problema. Me ordenou que comprasse outra passagem de ônibus para Água Preta, uma cidade mexicana, e que o chamasse novamente para receber novas orientações sobre a viagem por terra. Assim foi feito!

O contato me avisou que havia um controle da polícia no meio do caminho, e que não era para eu ficar com medo. Assim passei pelo controle sem problemas! Cheguei às quatro horas da manhã em Hermosillo e no terminal havia uma pessoa me esperando. Fui reconhecido pelo contato por causa da minha roupa. Eu estava vestido com calça bege, camisa celeste, paletó preto, botas e cintos pretos.

O contato me levou para uma casa e fomos recebidos por uma senhora. Havia mais quinze pessoas na casa, sendo doze homens e três mulheres. A senhora me perguntou se eu queria tomar tequila ou café. Eu respondi que queria meia garrafa de tequila para me acalmar, pois estava muito tenso com tudo o que estava acontecendo.

No dia seguinte, a senhora me convidou a tomar o café, passei mais três dias nesta casa juntamente com as quinze pessoas sem saber o nome da senhora. Os três dias foram sem novidades, só comendo e dormindo, mas com muita ansiedade. No quarto dia, um coyote me disse que ainda não podíamos sair para cruzar a fronteira mexicana com os Estados Unidos. Disse que no momento oportuno viriam nos buscar para cruzarmos a fronteira. Tivemos de esperar.

Na quinta noite, o coyote veio buscar eu e as outras pessoas que estavam na casa. Fomos.

De Água Preta fomos até o novo ponto de partida, aí começou a Odisséia! Era um rigoroso inverno, a estrada era barrenta por causa da chuva. Começamos a andar durante toda a noite na lama, em um frio impiedoso. Já havendo caminhado um bom trecho, fomos assaltados por três bandidos armados que levaram tudo o que tínhamos, até a comida e a água. Os assaltantes portavam pistolas automáticas e nos fizeram sentar em fila, um por um, e logo nos revistaram para ver se ainda tínhamos mais alguma coisa. Dinheiro, roupas, sapatos, relógios, não sobrou nada! Seguimos a nossa caminhada, sem água e comida. Me parecia que os assaltantes eram cúmplices dos coyotes, pois os dois não foram assaltados, somente nós.

Seguimos por uma planície até um monte de mato. Na madrugada, os coyotes nos disseram que teríamos que ficar em valas e que eles iriam observar o caminho, para ver se haviam mais

assaltantes. Os coyotes pareciam águias, avistavam ao longe e sabiam tudo o que estava se passando.

Demoraram em torno de uma hora e meia aproximadamente. Quando chegaram, disseram que teríamos que andar o mais rápido possível. Havia chuva, barro e um frio horrível! Quando estava amanhecendo, chegamos à base da polícia da fronteira mexicana. Ficamos escondidos por mais umas quatro horas, até que pudéssemos passar pelo muro de pedras. Ali permanecemos por mais quatro horas dentro das valas, sem poder nos mexer e com muito frio. O contato com a terra nos fazia congelar e a dor percorria todo o corpo.

Amanhecia novamente quando avistamos um helicóptero da imigração e nos escondemos em um monte de mato com espinhos e ervas daninhas. O helicóptero ficou sobrevoando sobre nós por uns vinte minutos seguidos. O coyote dizia para ficarmos imóveis, porque quando alguém se mexe os matos movem, e assim os policiais poderiam perceber a nossa presença. E lá eu estava: na vala sem poder me mover e cheio de espinhos por todo o corpo. Foi como uma caça à animais. Horrível!

Com o desaparecimento do helicóptero, seguimos nossa marcha até chegarmos a umas cercas de arame farpado. Os que podiam, subiram pelas cercas passando por cima, e os que não conseguiram passaram por baixo. Eu tive de passar por debaixo da cerca. Já com a roupa rota e suja de barro, e todo machucado e arranhado pelos espinhos, sem comer e beber, continuei na marcha. Passando por subidas e descidas, chegamos a um monte no quarto dia. Neste lugar também existiam muitos espinhos e ervas daninhas, tínhamos de tapar os olhos por causa dos espinhos que cortavam nossos corpos.

Já era noite quando chegamos a um rancho abandonado. Chovia bastante. Foi aí que passamos a noite morrendo de fome e sede. Era uma noite chuvosa e fazia um frio terrível, nossos corpos congelavam.

Ficamos ali por três dias e duas noites sem comer e nem beber. Dormimos sobre papelões, madeiras, trapos velhos, cada um se acomodava como podia. Assim se passou a terceira noite.

Na manhã seguinte, já no quinto dia, os coyotes disseram que teríamos de seguir a nossa marcha. Perguntávamos para eles se havia um lugar para conseguirmos alimentos e água, como resposta, diziam que ainda faltava mais um dia e uma noite. Seguimos durante o dia com mais subidas e descidas em meio a matos com espinhos e muito barro. Todos já estavam com as barbas crescidas e molhados. A fome e sede nos castigavam.

Terminada a caminhada pela fronteira mexicana, chegamos em uma autopista (estrada) e tivemos que nos esconder no matagal por ordem dos coyotes, pois outro helicóptero apareceu e ficou sobrevoando por um bom tempo. Acreditávamos que era o mesmo helicóptero que estava nos perseguindo desde o começo.

A polícia de imigração estava do outro lado da estrada. De repente, apareceram em enormes motocicletas e disseram: - Saiam todos!

Ficamos imóveis. Nos afastamos de costas e com muito cuidado para não mover a vegetação, tentando não chamar atenção dos policiais. Eles ficaram parados por um bom tempo, depois se foram. O coyote nos ordenou que continuássemos escondidos até chegar o momento oportuno para passarmos para a fronteira americana. No momento certo, nos dividimos em dois grupos para atravessarmos a pista nas pontas dos pés, cuidando para não deixar marcas, pois havia lama por causa da chuva. Atravessamos a toda velocidade que podíamos, até chegarmos a outro matagal com mais cercas de arame farpado. Foi ali que descansamos por uma hora aproximadamente.

Os coyotes nos pediram que aguardássemos pois eles iriam buscar comida (estávamos a cinco dias sem comer e beber). Voltaram trazendo comida comprada em casas velhas camufladas na fronteira que vendiam para os eles. Deram, para cada um de nós, um sanduíche e um refrigerante. Comemos e descansamos por mais uma hora. Depois, continuamos até chegar à noite, quando fomos avisados de que esta seria a última noite da viagem, e que, no dia seguinte, chegariam outros contatos com carro, para assim terminarmos a travessia.

Então, no outro dia, novamente chegamos a um matagal com espinhos horríveis, muita chuva e frio cortante. Cruzávamos os fochos do mato para nos proteger da chuva e para não sermos cortados pelos espinhos. Perto do meio dia os coyotes disseram: - Aqui termina nosso trabalho, agora esperem que uma camionete virá buscá-los. O motorista terá um código ("lá gente de

Carlito"). Enquanto esperávamos, fui vencido pelo cansaço e adormeci. Fui despertado por uma voz avisando que o carro estava chegando. Ele gritava: - Vamos, vamos, rápido, rápido!

Como eu estava dormindo, fui o último a subir na camionete. Não sei como o motorista conseguiu colocar treze pessoas na cabine. Na carroceria estava eu e um rapaz. Ficamos deitados e desprotegidos morrendo de frio, pois estávamos ao relento. O motorista arrancou com a camioneta a toda velocidade! Andamos um bom trecho até chegarmos a um provador elétrico de carro. Percebi que colocavam as duas rodas dianteiras, e depois as duas traseiras, e então deduzi, já que sou mecânico, que se tratava de um teste de freios. Por várias vezes repetiram o teste: corria e parava, e eu imaginando o que poderia estar acontecendo.

Andamos por várias horas até que avistamos outro helicóptero da imigração. O helicóptero pousou atrás da camioneta. Nessa hora, o motorista e o acompanhante abriram as portas e foram conversar com os policiais. Não sei qual acordo fizeram para nos deixar seguir viagem, mas fomos, e então chegamos em outro controle da polícia da fronteira e passamos sem problemas. Eu e o rapaz atrás na pick-up, já totalmente congelados, estávamos com os corpos muito doloridos, além de mortos de fome e sede.

Seguimos nossa rota. Já na madrugada chegamos em Fênix, Estados Unidos. Ufa! Finalmente nos Estados Unidos! Neste momento o motorista se comunicou com outros contatos de dois carros pretos enormes.

Fomos pela estrada até uma via férrea, um trem estava passando naquele momento. Continuamos deitados e percebi que haviam dois carros atrás do nosso. Nesse momento, como "por encanto", apareceu outro helicóptero! O fecho de luz estava fixado em nós, na carroceria da camioneta e eu e o rapaz estávamos paralisados de tanto medo.

Enquanto os últimos vagões do trem estavam passando, os coyotes disseram para que passássemos para os dois carros que estavam atrás do nosso. Foram oito para um carro e sete para o outro. Nos levaram para uma casa escondida que era do chefe dos coyotes. O primeiro carro chegou na nossa frente, e quando chegamos nos fizeram subir por uma janela de uns dois metros e meio de altura. Um ajudava o outro a pular pela janela. Eu já não tinha mais forças. Exausto e com o corpo totalmente congelado, não conseguia me mover, sentia dores horríveis. Na minha vez de pular pela janela, completamente sem condições, os coyotes tiveram de me ajudar.

Dentro da casa, exausto, me deitei no chão e descansei por uns vinte minutos. Pedimos comida, água e uma bebida quente para aquecer nossos corpos. Os coyotes nos disseram que éramos muitas pessoas e isto poderia chamar atenção da polícia, mas uma hora depois trouxeram comida para todos. Eram burritos de carne mexicana em tigelas (sopa de legumes com carne) e uma soda para cada um. Uma delícia!

Durante a refeição comentávamos que, depois de tantas descidas e subidas, assaltos, fome e frio, finalmente estávamos em solo americano. Já chegamos!

Pouco tempo depois chegou o chefe dos coyotes. Era um homem alto, robusto, mau encarado. Tinha três correntes de ouro no pescoço, uma pulseira e o relógio também era de ouro. Ele perguntou: - Quantos vieram?

A pergunta foi feita para os três coyotes que estavam tomando conta do grupo desde que chegamos na casa. Portavam metralhadoras de trinta tiros, que disparavam rajadas de três em três.

O chefe ordenou que passássemos um por um para outro quarto para sermos interrogados. Como eu era o mais velho, fui levado por três, coyotes para o quarto. Vieram mais dois coyotes e me cercaram. Fui colocado no meio do quarto parado e cercado pelos cinco coyotes. Todos sacaram seus celulares, e três apontaram para o meu rosto e dois para o meu corpo. Me revistaram, pois acreditavam que eu era um policial infiltrado. Eles ficaram com esse temor por dois longos dias, até terem conseguido contato com o meu contratado do Peru, que confirmou que eu realmente estava sozinho. Voltei para junto do grupo. Até que todos foram interrogados, mais uma noite se passou.

No dia seguinte, queríamos tomar café e eles não quiseram nos dar. Começou outro martírio. Só fomos comer perto das quatro horas da tarde. Após mais uma noite naquele pesadelo, o dia amanheceu, e o chefe dos coyotes ordenou que cada um deveria chamar para suas casas avisando os parentes para depositarem o restante do dinheiro num banco. Cada um tinha um nome e uma conta diferente. No meu caso, houve um problema: eles deram um nome americano

para minha família e não souberam escrever corretamente. Mesmo com o nome errado eles fizeram um cartão falso e retiraram o dinheiro, para o meu alívio!

Neste mesmo dia, me chamaram novamente no quarto. Havia sete pessoas com aspecto de sanguinários, e me colocaram novamente no centro. Um deles abriu um armário de parede e retirou um embrulho com uma flanela vermelha. Foi desenrolando lentamente e apareceu um revólver cano largo calibre 38, ele retirou as balas bem devagar. Me olhava fixamente e voltou a colocar as balas no revólver. Senti que poderia ser um pistoleiro profissional, e como eles estavam desconfiados de mim... eu morria de medo, mas tentava não demonstrar, até que um deles resolveu me fazer umas perguntas.

Disse-me: - Responda rápido e sem se equivocar. Respondi rapidamente sem equívocos e voltei novamente para junto do grupo. Um tempo depois, nos avisaram que no dia seguinte iríamos sair, pois tudo estava em ordem.

No dia seguinte pela manhã partimos para a Califórnia para pegar mais duas pessoas. Seguimos a nossa viagem até chegarmos a uma cidade, onde as encontramos. Viajamos amontoados uns em cima dos outros como animais. Sem poder mover sentia câimbras contínuas. Eram dois motoristas que dirigiam a camioneta 4x4. Já era madrugada quando um carro da polícia nos deteve, e o segundo motorista abaixou no chão do carro, e o policial se aproximou e perguntando ao motorista, onde estava levando tantas pessoas, o motorista respondeu que estava nos levando para trabalhar em jardinagem. O policial deu um papel para o motorista para passar em outro controle mais adiante. Antes de chegarmos Washington pernoitamos em um motel. No dia seguinte, não sei em que cidade ficaram as duas pessoas que foram pegadas na Califórnia. Assim durante o resto do trajeto deixando gente, até que ficamos só em seis. Chegamos a Beltsom no terminal de ônibus onde eu teria que chamar um contato que iria me receber nesta cidade. Me deram os números de telefones que não existiam. Eu apavorado, sem conhecer ninguém e muito menos falar o inglês, e sem saber para onde ir. Entre as seis pessoas restantes, estavam um casal de Honduras, que pedi a eles para me levarem para sua casa, que eu os pagaria pela hospedagem. Responderam que não pois não me conhecia, e não sabiam o que tinha vindo fazer sozinho. Eu pensava comigo mesmo; não tenho dinheiro, sem poder falar estava apavorado! Comecei a falar com os motoristas da camioneta, e como eles sabiam que os telefones que os coyotes haviam me dado eram falsos não sei como, mas sentiram o meu problema. Senhor O que vamos fazer contigo, pois não podemos abandoná-lo e nem tão pouco leva-lo de volta. Como eu havia feito um trecho da viagem na traseira da camioneta com o rapaz da Guatemala, Pablo que ia para Trenton capital de New Jersey pedi a ele que me levasse com ele para casa de sua irmã que morava em Trenton, que eu ligaria para minha família para mandarem dinheiro para pagá-los a minha estadia. O motorista pediu a ele o número do telefone de seu cunhado, e falou com ele: irmão tenho um problema aqui com um peruano,,,, pois os números dos telefones que lhe foi dado são falsos, e esta só, e você não pode ajuda-lo? O cunhado do Pablo que depois mais tarde vim saber que se chamava Luiz Ortega acabou aceitando a me ajudar. E disse para o Pablo: pode trazer o peruano contigo. Que alívio! O motorista comprou duas passagens para Philadelphia.

Em Philadelphia no ponto final dos ônibus o Pablo chamou o seu cunhado Luiz e sua irmã Elisa para vir nos buscar no ponto final de ônibus. Esperamos por mais de uma hora, e nada... ligamos por várias vezes, e a resposta e que estavam esperando o irmão do Luiz chegar para vir nos apanhar na rodoviária. Esperamos por mais meia hora e finalmente chegaram o irmão do Luiz com seu filho. Ai começou um interrogatório querendo saber tudo sobre mim, por que motivo eu estava vindo para os Estados Unidos, um monte de perguntas. O Pablo vendo o meu constrangimento, me chamou para entrarmos no carro. Seguimos viagem numa estrada muito escura, e eu estava morrendo de ser deixado na estrada pelo senhor. Mas graças a Deus não foi o que eu pensava, chegamos até a casa da irmã do Pablo Elisa. Chagando lá, estavam os pais do Luiz, a Elisa e um filho. Mais outro interrogatório! Eu estava muito sujo, e barbudo parecendo um morador de rua um horror!

O sobrinho do Luiz o que foi com o pai nos apanhar começou a fazer perguntas, perguntando qual era o número do meu sapato, camisa e calça. Saiu, e depois de algum tempo ele volta trazendo uma roupa e um par de sapatos, dizendo: senhor não são novos porem limpos! Tomei um banho, depois fui comer tortilhas da Guatemala juntamente com o Pablo. Repeti por cinco vezes e comia tão rápido,

que o Luiz dizia, não precisa comer assim tão depressa. Depois da comida nos deram um quarto pequeno para descansarmos. Como estávamos mortos de cansaço dormimos das sete da noite até o dia seguinte. Eu em silêncio agradecia a Deus por ter encontrado aquela família Guatemalteca tão generosa!

No dia seguinte saímos para dar uma volta para conhecer Trenton. O frio era insuportável! Não se via ninguém nas ruas, eu pensava; onde estão as pessoas da cidade? Quando voltamos ganhei dos parentes do Luiz roupas e dinheiro. Já passado um mês que eu estava na casa da Elisa e Luiz, e chamando constantemente para casa da Nerida a filha de nossa vizinha no Peru foi quem me deu o maior apoio para eu vir para os Estados Unidos, sem sucesso, pois ele havia também me dado o número errado. Ela dizia no Peru que era bem sucedida, que o marido um empresário da construção e que tinham duas camionetas 4x4 e muitas vantagens. Eu não entendia porque também não conseguia falar com minha esposa no Peru, para contar o que estava me acontecendo comigo na América.

No dia seguinte finalmente consegui falar em casa, e contar o que estava se passando comigo. Pedi para minha esposa pedir o número do telefone para a mãe da Nerida dona Maria da Graça, e esta deu o número correto, mas não conseguia falar com Nerida. O Luiz me conseguiu um trabalho em um restaurante de lavar pratos, das onze da manhã até as onze da noite. Eu parecia equilibrista carregando aquela pilha de pratos - não via um palmo na frente de tantos pratos. O piso era escorregadio e o medo de cair era imenso.

**Autor: Dirma Fontanezzi - [dirma28@hotmail.com](mailto:dirma28@hotmail.com)**